

**EXPEDIENTE**

Em consequencia da demora que houve na remessa do papel para esta revista, e ainda por se ter que procurar papel igual àquelle em que tem sido impressa esta publicação, só hoje é que podemos publicar a nossa revista, sahindo um numero de 8 paginas. D'esta falta, tão involuntaria como justificada, pedimos desculpa aos nossos leitores, e bem assim aos distinctissimos editores.

*

D'este n.º em diante, a «Secção bibliographica»,

que temos dado em n.ºs especiaes passará, em todos os n.ºs, para as capas da Revista, facilitando, assim, mais a sua leitura.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da tradição oral)

X**Conto do rei cego e sabio**

Era d'uma vez uma princeza e namorava um principe, e trataram de fugir, e na tal dita noite appareceu ali um trabalhador, e ella disse-lhe assim:—Então já vens? E elle, para desfructar o que era, disse-lhe assim:—Já. E ella, como já tinha as suas joias e tudo arranjado, disse-lhe:—Então apara lá. E elle apartou a riqueza toda, que ella aventou para baixo. Depois ella saltou pela janella, e depois de se apanhar cá em baixo é que o reconheceu, e seguiu com elle, com o tal dito homem. Levou-a para umas covas e elle disse-lhe que vinha á cidade, e foi-se embora com a riqueza toda, e ella sustentava-se das hervas. Chegado o tempo de dar á luz, teve uma creança. Confor-

me nasceu foi-se logo lavar; a creança já tinha sete annos e ainda não era baptisada, e andava com uma cacheira de ferro de dez arrobas. Vinha para a roda da estrada, e punha-se a falar aos homens. Um dava-lhe um bocado de pão, outro cinco reis, conforme, e elle levando para junto da mãe. D'uma vez a mãe disse-lhe que falasse com os homens que elle mais conhecia, para o baptisarem. Elle assim fez. Lá tratou de convidar os homens que elle mais conhecia e disse-lhes:— Ora se vossemecês me baptisassem!—e disseram-lhe assim os homens:—Então vossemecê ainda não é baptisado?—Não, senhor. Os homens levaram-n'o para a cidade e baptizaram-n'o, e perguntaram-lhe onde estava a mãe. Elle disse que não sabia. N'esse dia deram-lhe muito que comer e elle levou-o a mãe. Elle já tinha vinte annos, pegava n'um cacheira de quarenta arrobas como quem pega n'um bocado de pão; e havia ali um palacio que o davam de graça a quem quizesse morar n'elle, que estava lá um gigante, e elle tratou com a mãe para ir p'r'o palacio. Pegou no gigante, meteu-o n'uma casa e fechou-a á chave; e elle ia lá para fora todos os dias buscar lenha e trabalhar. E a mãe cá, abria a porta ao gigante e o gigante dizia-lhe: Ora, se tu matasses teu filho, viviamos aqui os dois sós. E ella perguntou então de que maneira?—Manda-o ó jardim da Boa-Hora encher duas garrafas d'agua lá do jardim, porque apparece um porco-espinho, e o porco-espinho mata-o. E ella fechou o gigante e veio o filho, e ella esteve-lhe dizendo que padecia dos olhos, que fosse buscar duas garrafas d'agua ao jardim da Boa-Hora. E elle montou-se a cavallo n'um cavallo branco e foi a ter a casa d'um rei, que era cego; e o rei mandou dar ração ao cavallo e mandou dar alguma cousa que comer a elle, e disse-lhe que em sendo meio dia que se abria a porta do jardim, e que ella, se estivesse o porco-espinho com os olhos abertos que enchesse as garrafas, mas se elle estivesse com os olhos fechados que se viesse embora, mas que elle quasi sempre estava com os olhos abertos, e do que visse

que não se admirasse. E elle, conforme deu meio dia abriu-se a porta e conforme ia entrando puzeram-se os passarinhos a dizer: «Anda cá, principe; por parte de tua mãe és principe; por parte de teu pae és um homem mechanico.» E elle de nada fazia caso. Se fosse a dar ouvidos aos passaros, lá ficava. Encheu as garrafas, e sahiu. Conforme deu uma hora, deu uma grande pancada a porta de ferro e fechou-se. Veio cá a casa do rei cego e sabio, e elle disse ás filhas, em segredo, que despejassem a agua qua elle levava nas garrafas e que lhe deitassem agua dos cantaros, sem elle ver. Depois elle despediu-se muito lá do rei e das filhas e foi-se embora. Estava o gigante mais ella brincando na varanda, quando o gigante o vê vir a cavallo. E ella foi logo fechar o gigante. Fingiu outra vez que estava doente dos olhos. No outro dia esteve fallando com o gigante e diz-lhe assim o gigante: Manda-o lá outra vez a buscar o cravo de espirito que lá está, que depois vem o porco-espinho e mata-o. E ella no outro dia disse-lhe: Olha, filho, não me ponho boa senão só com um cravo de espirito que lá está no mesmo jardim; e elle disse: Pois sim senhora, minha mãe, tudo se arranja. Montou a cavallo, e o cavallo já estava costumado,—conforme chegou á porta do rei bateu com a pata á porta e elle entrou para dentro. Appareceram-lhe logo as filhas do rei; estiveram fazendo uns grandes cumprimentos, deram ração ao cavallo e elle esteve comendo. Ao meio dia abriu-se a porta do jardim: Começaram outra vez os passarinhos: «Anda cá, principe; por parte de tua mãe és principe; por parte de teu pae és um homem mechanico». Elle entrou, viu o cravo, colheu-o, sahiu para fora. Uma hora que dá e as portas que se fecham. Vae a casa do tal rei, e o rei disse ás filhas que lhe trocassem o cravo sem elle ver. Ellas assim fizeram. Depois elle despediu-se e partiu. Estava a mãe brincando com o gigante lá na varanda. Foi fechal-o á chave. E vem o filho e diz assim: Minha mãe, aqui está o cravo. E d'ahi ella pôz-se a agradecer muito ao filho, fia-

gindo. O filho sahio, e o gigante esteve fallando com ella e disse-lhe que fosse lá o filho outra vez buscar as banhas do porco-espinho. E elle foi, e levou a cacheira de 40 arrobas. Chega lá a casa do tal rei e o cavallo bateu á porta. Abriu-se-lhe a porta, esteve desapparelhando o cavallo e ellas deitaram-lhe ração, e elle esteve comendo. Ao meio dia leva a cacheira, o porco espinho estava com os olhos abertos,—chega ao pé d'elle, deixa-lhe cahir a cacheira em cima da cabeça e esmagou-lh'a. Abriu-o e tirou-lhe as banhas. E lá o tal rei cego e sabio matou um cão e tirou-lhe as banhas, porque elle já sabia, elle era sabio, e disse ás filhas conforme elle viesse que lhe tirassem as banhas do porco-espinho e lhe mettessem aquellas. Elle sahio, deu uma hora e as portas fecharam-se. Chegou cá a casa do tal rei esteve aparelhando o cavallo e entrementes as filhas do rei metteram-lhe as banhas do cão para dentro do alforge. Elle despediu-se e foi-se embora. Estava o gigante e mais a mãe a brincar na varanda, julgando que o porco-espinho o tinha matado, e quando o vê vir diz assim: Ai, que alem vem o teu filho! E elle cá o tal rei cego e sabio tinha-lhe dito que se elle alguma vez o quizessem matar que pedisse que o fizessem em quatro quartos, que os mettessem n'um lençol e os puzessem em cima do cavallo branco. A mãe foi fechar o gigante, e o filho veio e diz: Aqui tem, minha mãe, as banhas do porco-espinho. E ella pôz-se-lhe a dizer: Ora meu filho, pensei que ficasses lá, porque me disseram que aquelle porco-espinho que era muito valente. E elle disse á mãe que a elle nada lhe mettia medo. E o gigante fallou com ella quando pode, e disse-lhe que um dia, quando elle estivesse descuidado, que comescasse a catar!-o e a ver se de pouco a pouco poderia cortar o cabello que elle tinha, que lhe dava tres voltas á roda da cintura (porque a força delle era nos cabelles). Elle, o gigante, ficou com a porta aberta e unida, e a mãe pôz-se a fingir que o estava a catar e elle deixou-se dormir e a mãe desabotou-lhe a camiza e com

uma tesoirinha cortou-lhe o tal dito cabello que tinha tres braças, e elle exclamou Ai, minha mãe traidora, só vossemecê é que podia ser a causadora da minha morte. A estes gritos appareceu o gigante, e elle pediu-lhe que o cortasse em quatro quartos que o embrulhasse n'um lençol e que o puzesse em cima do seu cavallo branco e que o deitassem á marzia. E o cavallo foi ter á tal dita casa do rei. Quando as filhas avistaram o cavallo disseram assim: Ai; meu pae! alem vem o tal dito cavallo mas traz só um vulto ensanguentado. E elle disse: Abram-lhe la a porta. E abriram-lhe a porta, tiraram o tal dito vulto de cima, e o pae, o tal rei, foi para uma casa, e fechou-se pelo lado de dentro. Poz os quartos de carne em cima da lenha e largou-lhe fogo. Ficou tudo feito em cinza, e esteve formando tal e qual a estatua de um homem. Ao fim de oito dias foi borrifar a estatua com a agua das duas garrafas. D'ahi a oito dias untou a estatua com as banhas do porco-espinho, e pôz-lh'as uma de cada lado do peito. D'ahi a oito dias deu-lhe a cheirar o cravo do espirito e disse-lhe: Levanta-te corpo morto! Se muita força tinha com dobrada ficou tendo. Montou a cavallo, e o rei disse-lhe que fosse lá ao gigante que lhe desse os olhos d'elle (que elle tinha-lhe tirado os olhos). Elle foi. Chegou a casa, estava a mãe detraz d'uma porta com um espeto, para, logo que elle entrasse, espetal-o. Elle levava uma espada, mette-a pela fissa da porta e atravessou a mãe; e vae ó pé do gigante e disse que lhe desse lá os olhos do rei cego e sabio; e o rei tinha-lhe dito que os olhos d'elle que eram castanhos, e o tal gigante vinha-lh'os a dar azues, deu-lhe uma cacheirada pelas costas, e depois dava-lhe outros pretos, deu-lhe com a espada, até que o gigante deu-lhe os taes castanhos. Voltou p'ra palacio porque o rei tinha-lhe dito que ó gigante não o podiam matar de maneira nenhuma, e casou com uma das filhas do rei e ficou para sempre em casa do dito rei.

Acabou-se a historia.

XI

Conto gigante Lagrante

Era um rei que foi a caça; tinha tres filhos e uma filha e na caçada appareceu um veado, donde a princeza com o cavallo começou a correr atraz d'elle, e depois de estar muitas leguas desviada do rei, o veado fez-se em um gigante, donde a levou para o palacio d'elle, do gigante. Todos os dias estava o gigante na tapada donde estava um porco-espinho. Um irmão d'ella, o mais velho pediu ao pae que lhe desse licença para ir à procura de sua irmã e o pae deu-lhe licença. Tratou de se aviar e montou-se n'um bom cavallo, despedindo-se do pae e da mãe, chorando. Chegou a um campo donde não havia agua nenhuma que beber. Ia já com a lingua dois palmos sahida da bocca para fora, e depois de muito tempo, de muita sede, encontrou uma nascente donde estava um leão, um galgo e uma aguia e uma formiga, e depois elle disse:—Tal é! tal é! Estes são como a perguica. Com sede e ao pé d'agua. Pois deixa estar que não dou agua a vocês, quero ver se a hebem.—Bebendo agua e dando ao cavallo seguiu o caminho. Encontrou com uma grande boiada. Donde perguntou de quem era. Respondeu o guardador:—São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã.—Então essa é minha irmã—Se ella é sua irmã isso é que não sei—E então chegarei lá hoje?—Para vossê lá chegar é preciso comer um boi. O homem seguiu para diante. Mais adiante encontrou umas ovelhas. Perguntou de quem eram. Respondeu o homem:—São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã—Então essa é minha irmã. Se ella é sua irmã isso é que eu

não sei.—E então chegarei lá hoje?—Para vossê lá chegar é preciso comer uma ovelha. Seguiu para deante. E lá em cima d'um muro viu estar uma pessoa a acenar-lhe com um lenço, que se fosse embora, quando não que o gigante matava-o. Chegando mais ao pé viu que era sua irmã que lhe disse: Vae-te embora, querido mano, quando não, vem o gigante Lagrante que te come inteiro. Elle estava todo admirado em ver aquelles portados tão altos, que tinham sete metros d'altura e mettu-se detraz da porta. Vem o gigante e começou a dizer: Ai, mulher que me cheira a carne humana! Fechou a porta viu lá o príncipe, tratou de o comer. Ao segundo príncipe aconteceu-lhe o mesmo. E o mais novo seguiu pelo mesmo caminho, d'onde chegou tamtem à tal nascente, onde estava o leão, o galgo, a aguia e a formiga. Primeiro que elle bebesse agua esteve dando aos animaes, e depois os animaes beberam algumas sete pipas d'agua. Bebeu elle e deu-a ao seu cavallo. Esteve tirando o farnel que elle levava e esteve repartindo com os animaes. Depois foi-se embora, e os animaes começaram a dizer uns para os outros: Então nós havemos de deixar o nosso bemfeitor? Não, vamos seguil-o. Começaram a chamar por elle, e elle diz:—Tato! não ficaram contentes com o que lhe dê, e agora tiram-me a vida! E a formiga montou-se a cavallo no leão e seguiram a traz do príncipe. Chegaram á tal boiada e perguntou de quem era. Responde o tal: São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã—Então essa é minha irmã.—Se ella é sua irmã isso é que eu não sei.—Então chegarei lá hoje? Para vossê lá chegar é preciso comer um boi.—Então venha de lá o boi. Veio o boi, partiu-o em quatro quartos; o maior foi para o leão, os outros dois um para a

aguia e o outro para o galgo, e a cabeça deu-a à formiga, mesmo para ter casas para morar. E elle vinha embora, começam elles a dizer: Espere ahí. E depois elle diz assim: Então vocês querem ir comigo?—Queremos, sim senhor. Então porque o não disseram ha mais tempo? Esteve esperando que elles comessem, depois seguiram para diante. Aconteceu o mesmo com as ovelhas; tambem estiveram comendo ovelha. E depois, chegando a certa distancia viu tambem lá estar a acenar com o lenço, que se fosse embora. Depois esteve falando com a irmã, e disse-lhe:—Que ia ver se perguntava ao gigante o que era que elle tinha na tapada. Depois foi-se embora para ali perto. Não tinha medo de dormir sózinho. No outro dia, pela manhã estava o gigante a almoçar e ella perguntou-lhe o que era que elle tinha na tapada. E elle disse: Alem, na tapada, está a minha morte e está dobrada valentia; alem está um porco espinho: em o matando quebram-me as forças; abrem o porco espinho salta uma lebre; se matam a lebre quebram-me as pernas e os braços; se abrem a lebre salta uma pomba, e se matam a pomba fico sem sentidos; se abrem a pomba tiram um ovo; se m'õ dão a beber tenho dobrada força do que a que tenho, e se m'õ esmagam na testa morro. Elle sabiu, foi para a tapada e ella esteve contando tudo ao irmão. E o irmão depois que elle veio da tapada, foi lá á tapada elle, e appareceu o porco espinho e o leão deitou-se ao porco espinho e disse-lhe este: Ah! leão! leão! se ahí viesse o meu patrão e me desse uma sopa molhada em vinho e desse um beijo n'uma donzella, eu te diria a ti, leão! Depois o leão disse-lhe assim: Ah porco-espinho, porco-espinho! se me dessem uma sopa molhadada em vinho, eu te diria a ti porco-espinho! Depois vieram-se embora. No outro dia

levou um prato com vinho e metade d'um pão. Tornou a apparecer o porco espinho e deitou-se ao leão e tornou o porco-espinho a dizer a mesma coisa, e o leão disse o mesmo. Conforme o leão acabou de dizer, deu-lhe uma sôpa molhada em vinho. Deita-se ao porco espinho, mata-o; e abriam o porco espinho, salta uma lebre; o galgo, assim que vin a lebre, correu correu atraz d'ella mas já o gigante estava n'uma casa, sem forças; conforme o galgo apanhou a lebre, mataram-n'a, e quebraram-se-lhe os braços e as pernas cá ao gigante, e pôz-se o gigante a dizer: Ah! mulher! mulher! tu fôste a minha perdição! Abriam a lebre voou uma pomba! A aguia seguia-a, agarrou-a e depois o principe teve pena em a matar e disse-lhe a formiga: Deixe, que tudo se arranja. Entra pelo bico da pomba, fez-lhe deitar o ovo fora. Tiraram o ovo, vieram cá ao gigante, e disseram-lhe se elle queria beber aquelle ovo. Elle ia a abrir a bocca e aventaram-lhe com elle á testa. Depois morreu o gigante. Todo aquella riqueza ficou sendo para a princeza. Depois mandou chamar o pae, que não quizesse ser rei, que viesse para a companhia d'ella em quanto vivesse. Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo, está o meu conto acabado.

(Estes dous contos foram-me ditados por um rapaz de 13 annos)

XII

Conto do gallo

Era d'uma occasião um gallo e foi a correr mundo. Foi andando e no meio do caminho encontrou um gato.—Donde vaes, camarada gato?—Vou correr mundo.—Vamos ambos. Foram. Mais adiante encontraram um carneiro—Donde vais, carneiro?—Vou correr mundo—Vamos todos tres. Foram andando, e lá mais para diante encontraram um pato. Donde vaes, pato?—Vou correr mundo.

Vamos todos quatro. Foram andando, foram andando e lá mais para diante encontraram outro carneiro—Donde vaes carneiro?—Vou correr mundo,—Vamos todos cinco. Anoteceu-lhes no meio d'um escampado. Disseram uns para os outros:—Isto está mau, e bastante mau! porque não sabemos onde havemos pernoitar. Diz o gallo: Eu salto para cima d'aquella arvore a ver se vejo por ahi algum monte. Avistou umas casas velhas.—Amigos, vamos andando, que já sei onde temos casa para dormir. Chegaram à dita casa. Diz o gallo: Toca a destinar camas. Diz o gato:—Eu deito-me alem, n'aquella pouca de cinza. Diz um dos carneiros:—Eu fico aqui detraz da porta. Diz o outro carneiro:—E eu tambem fico. Diz o pato:—Eu fico passeando pela casa. Diz o gallo:—E eu vou alem p'ra cima d'aquella prateleira. Estava tudo a dormir. Por essa noite adiante passou um lobo e deu-lhe o cheiro de caça.—Por aqui ha coisa que me agrada. Foi andando, chegou á porta e entrou. Os carneiros, que deram razão d'elle, saltaram-lhe logo em cima ás marradas. Sahe de lá o gato saltalhe em cima, e aquillo era unhada que fervia. O pato, que andava passeando pelo meio da casa, dizia:—*Pateál-o bem! pateál-o bem! pateál-o bem!* Diz o gallo da prateleira:—*Por cristas, se lá vou abaixo não sei que farei! Por cristas se lá vou abaixo não sei que farei!* O pobre do lobo quando d'ali sahiu, foi todo ensanguentado. Encontrou-se com uns poucos de lobos, e disseram-lhe:—Por ahi ha caça grossa—Amigos, não vão lá, olhem a desgraça em que eu venho! Eu ja la esteve. Estão dois sujeitos detraz da porta com dois cornos tão torcidos! aquillo era marrada, que me deixaram um S. Lazaro. Veio de lá o outro do horralho e não sei que farramenta tinha, que aquillo mettia-se-me pela carne den-

tro que era lume. Salta um gajo que andava pelo meio da casa—*Pateál-o bem! pateál-o bem!* Pois um grande barbalana encarnada que la estava n'uma prateleira a gritar:—*Por cristas se lá vou abaixo não sei que farei!* Mas nunca se desceu cá para baixo! Vamo-nos embora, não nos vamos metter com quem não conhecemos. E os cinco da viagem ficaram descansados e foram continuando a sua jornada. Bemdito e louvado, está o nosso conto acabado.

Jahel.

Os cinco sentidos

Passei pela oliveira
Cinco folhas lhe apanhei,
Foram os cinco sentidos
Que no jardim empreguei.

O primeiro é *ver*,
Sentinella pedir licença,
Passear o jardim em roda,
Em passo de continencia.

O segundo é *ouvir*,
Linda muzica a tocar,
O' que ricos *gamapés*
Par'as damas s'assentar'

O terceiro é *cheirar*
O cheiro da bella flor,
Sentinella brada ás armas,
Q'ahi vem o governador.

O quarto é *gostar*
Daquelle grande repuxo,
Está tudo de quadro em quadro
Tudo cercado de buxo.

O quinto é *palpitar*,
Palpita o meu coração,
A melhor prenda do jardim
E o lindo *carramanhão*.

Estes cinco sentidos
 Quem nos havia d'amentar?
 Foi uma moça dozella
 Qu'ó jardim foi passear.

Os cinco sentidos

(*Cantigas populares*)

Fui-me um dia a Estremoz,
 O' pé do lago parei,
 E os meus cinco sentidos
 No *Gadanha* os empreguei.

O primeiro é *ver*
 Navegar o rapazinho;
 O *Gadanha* tambem tem
 Lá no lago seus peixinhos.

O segundo é *ouvir*
 A voz do cap'tão de lanceiros;
 O *Gadanha* tambem tem
 O's seus pés quatro letreiros.

O terceiro é *cheixar*
 A rosa da roseira;
 O *Gadanha* tambem tem
 Lá no lago uma caldeira.

O quarto é *gostar*
 De ver a tropa armada;
 O *Gadanha* tambem tem
 A sua capa traçada.

O quinto é *palpitar*
 Palpita o meu coração;
 O *Gadanha* tambem tem
 Sua fatecha na mão.

Os sete sacramentos

(*Cantigas populares alentejanas*)

Se me amas na verdade,
 Segue, amor os teus intentos,

E tem fé no que t'eu digo.
 N'estes sete sacramentos.

O primeiro é *baptismo*,
 Eu tambem fui baptisado,
 Tenho fé no que Deus disse,
 N'isso vivo descansado.

Segundo é *confirmação*
 Confirmo, amor, na verdade,
 Se te quero bem, ou não,
 Sô Deus do ceu é que o sabe.

O terceiro é *communhão*,
 Tambem communga o christão;
 Adoro a Deus na minh'alma,
 A ti no meu coração.

O quarto é *penitencia*,
 Penitente tenho eu sido,
 Em te trazer, a ti, rosa,
 Bem na flor do meu sentido.

O quinto é *extrema unção*,
 São palavras em latim,
 Eu adoro a Deus no ceu,
 Na terra adoro-te a ti.

O sexto como é *ordem*,
 Eu trato de te prender,
 Na cadeia de meus braços,
 Lindo amor, até morrer.

O setimo é *matrimonio*,
 Significa o dar da mão;
 Já se não pode apartar.
 Uma rosa d'um botão.

Estes sete sacramentos
 São da Santa Madre Igreja,
 Anda o mundo de tal sorte,
 Que ninguém logra o que deseja.

(*Do Elvense*)

MIXTOS

I

(Canções recolhidas da tradição popular)
A Antonio Luiz da Silva Dantas

—*—
Dou um pedaço de pão
A um pobre e m'o agradece
A ti dei-te a minha vida...
Quanto depressa t'esquece!

Que importa que muita gente
Veja meus olhos chorar?
Se no mundo todos choram
Com vontade de cantar.

Quando pequeno formava
Debil castello d'ideias,
Hoje formo-o d'illusões
Que fogem mais que as areias.

Teu bem é minha alegria;
Teu mal meu maior soffrer,
Pois sinto mais teu sentir
Que eu mesmo meu padecer.

Vive com tanto pesar
Meu coração n'este mundo
Que quando te viu tão triste
Quasi ficon moribundo.

Tens taes perfeições, amor,
Que já a alguém ouvi dizer:
«Só para te vêr, nascia,
Depois queria morrer».

Se queres trocar troquemos
Os corações a chorar;
Tu dás-me o teu, porque o meu
Já t'ó não posso furtar.

Quando perguntares, noiva
Que não seja em romaria,
Pergunta-a em sua propria casa
Com roupa d'aquelle dia.

Não ama muito quem diz,
Senão quem muito padece,

Porque o amor sem ter penas
E' como um ai! que fallece.
(Continúa)

Eduardo de Lemos.

Cantigas populares de Fão

Saltou, saltou, saltou,
pela janellã fóra,
da meia noite p'ró dia
inda não era um hora.

A bebida da sua madrinha,
é tão bôa como ella,
em vez de o botar pela porta
deitou-o pela janella.

A pagaram-se as luzes,
acenderam-se as fagulhas;
uma fumaça p'ros dentes,
foi tirar alhos p'rá *Pulha*.

Votou-o pela janella,
cuidava que se não sabia;
a *Setenta* foi tão fina
que o disse ao outro dia.

Não é nada, não é nada,
foi tentação do demonio,
quem havia de saltar
foi o padre Jeronymo.

Esta moda do baidó,
é bonita e engraçada:
quem por ella dêr cavaco,
mostra que está culpada.

O homem deu-lhe uma *coça*,
fez-lhe do corpo um tambôr,
não queria que se soubesse,
porque era o seu confssor.

Saltou, saltou, saltou,
saltou, á luz escura;
saltou à meia noite,
o ladrão do padre cura...

(Recolhidas da tradição oral n'aquel-
la localidade) **Gá.**